



## Alguns apontamentos sobre o piano no frevo

MODALIDADE: COMUNICAÇÕES ORAIS E PÔSTERES POR SUBÁREA

SUBÁREA: Música popular

*Mauricio Correia Cezar Neto*  
*Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)*  
*mauricio.cezarnt@ufpe.br*

*Eduardo de Lima Visconti*  
*Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)*  
*eduardo.visconti@ufpe.br*

**Resumo.** Este artigo apresenta resultados parciais de uma pesquisa de mestrado em andamento que trata da relação do piano e o frevo de rua pernambucano. Vale enfatizar que, dentro da história do gênero musical, alguns de seus protagonistas eram pianistas. Como base para os apontamentos, trazemos algumas reflexões sobre registros fonográficos e arranjos selecionados. Diante de pouco material publicado sobre o assunto, acreditamos que esses apontamentos possam contribuir para futuras pesquisas sobre o tema.

**Palavras-chave.** Música popular, Piano, Frevo.

**Title. Some Notes on the Piano in Frevo**

**Abstract.** This article presents partial results of an ongoing master's research that deals with the relationship between the piano and the street frevo of Pernambuco. It is worth emphasizing that, within the history of the musical genre, some of its protagonists were pianists. As a basis for the notes, we bring some reflections on phonographic records and selected arrangements. Faced with little published material on the subject, we believe that these notes can contribute to future research on the subject.

**Keywords.** Popular Music, Piano, Frevo.

### Introdução

Por volta de 2013, me recordo de estar no pátio do Conservatório Pernambucano de Música (CPM), na cidade do Recife, quando fui convidado por um grupo de alunos para assistir a um vídeo que já viralizava entre os músicos da cidade. Tal vídeo trazia um arranjo para piano solo de um famoso frevo de rua: *Duda no Frevo* de Senô<sup>1</sup> e, ao piano, encontrava-se o músico Hercules Gomes, que durante algumas semanas foi personagem constante em rodas de conversas informais por onde eu passava. “Quem é esse cara? De onde é? Com quem

---

<sup>1</sup> Senival Pereira do Nascimento (Senô), compositor, arranjador e trombonista natural de Águas Belas/PE. Disponível em <https://ouvindofrevo.wixsite.com/frevo/sen---senival-bezerra-do-nascimento>. Acesso em 01/04/2022.



estudou? Como teria aprendido a tocar frevo assim?”. Essas e outras perguntas ficaram no ar por um bom tempo, mas a questão central é que nunca ouvira uma interpretação de um frevo para piano solo com tanta propriedade. O pianista, de alguma forma, havia conseguido sintetizar os elementos de uma orquestra de frevo reproduzindo-os com domínio e profundidade em sua interpretação. Ritmo, articulações e *swing* característicos do frevo em perfeita harmonia com os aspectos idiomáticos do piano. Aquele vídeo havia despertado, em uma parte de pianistas pernambucanos, não só a vontade de estudar frevo, mas também a vontade de descobrir os motivos de nunca termos sido conduzidos a tal estudo nas escolas de música da cidade onde o frevo nasceu. Impressões à parte, desde então, o tema me despertou bastante interesse para iniciar uma pesquisa acadêmica.

Desse modo, esse texto propõe um pequeno panorama sobre o piano no frevo, identificando os principais expoentes e algumas abordagens exploradas por pianistas e arranjadores. Ponderamos que uma amostra dessas questões possa abrir caminhos para novos estudos, motivando pianistas, arranjadores e pesquisadores a se aprofundarem no tema.

### **O piano e o carnaval**

A relação do piano com o carnaval pernambucano se deu antes mesmo do surgimento do frevo (SILVA, 2019, p. 55-56). No capítulo intitulado “O piano e o Carnaval”, no livro *Carnaval do Recife*, o historiador Leonardo Dantas relata fatos referentes a chegada do piano na sociedade recifense na primeira metade do século XIX, revelando que a partir daquele momento o instrumento viria a se tornar objeto obrigatório em boa parte das residências mais ou menos afortunadas (SILVA, 2019, p. 55). A contratação dos pianistas ou pianeiros<sup>2</sup> por vezes servia como uma opção mais econômica para ocasiões em que os recursos financeiros se mostravam insuficientes para a contratação de uma banda de música (SILVA, 2019, p.57). Os pianos soavam das janelas e varandas dos sobrados nas ruas dos bairros de Santo Antônio, São José e Boa Vista, embalando foliões com valsas, polcas, galopes e demais estilos musicais que faziam sucesso na época.

---

<sup>2</sup> Pianeiros: pianista popular que ganhava a vida tocando em cinemas, festas familiares, bailes, casamentos, batizados, festas de aniversário etc. O termo “pianeiro” muitas vezes era pejorativo (vindo dos meios eruditos), pois muitos desses instrumentistas não liam partituras, embora improvisassem (...) PIANEIRO. In: Dicionário Cravo Albin de Música Popular Brasileira. 2020. Disponível em: [https://www. http://dicionariompb.com.br/](https://www.http://dicionariompb.com.br/). Acesso em: 20/09/2020

## O piano no frevo

Segundo o pesquisador Leonardo Saldanha (SALDANHA, 2008, p. 43), o surgimento do frevo se deu nos anos finais do século XIX e sua consolidação como gênero musical na primeira metade do século XX. A instrumentação originária do frevo era a mesma das bandas militares, em que basicamente eram utilizados sopros e percussão, instrumentos que ao longo dos anos se mantiveram presentes nas mais diversas configurações de orquestras do gênero. Até o presente momento, não tivemos conhecimento de documentos, registros ou relatos que possam comprovar a presença do piano na fase embrionária do frevo, as primeiras inserções apenas começam a ser percebidas em registros fonográficos a partir dos anos de 1930, onde o piano atua como elemento integrante da seção de base nos arranjos.

Apesar das inserções do piano nos frevos gravados, pudemos constatar certa resistência em aceitá-lo como instrumento pertencente ao frevo nas orquestras locais. No início dos anos 1940, quando já eram comuns que os frevos fossem interpretados pelas *jazz-bands* o escritor, médico, ator e pianista pernambucano Valdemar de Oliveira, teria se incomodado com as adaptações do frevo para se encaixar à essa instrumentação. Entre suas críticas, estaria a de que o piano<sup>i</sup> “comprometia o equilíbrio dos timbres, resultando numa ‘efeminação geral’” (SANTOS e MENDES, 2019, p. 99), frase essa que compreendemos como sendo dotada de conotação preconceituosa, comparando o frevo “bom” a aspectos masculinos, enquanto o frevo de qualidade “inferior” seria associado a características femininas. O posicionamento preconceituoso era um dos mecanismos utilizados por parte dos críticos da época, formados na sua maioria por intelectuais influentes na sociedade que normalmente se apresentavam como amantes do frevo, enquanto o defendiam dentro dos moldes “tradicionais”, negando quaisquer ações modernizadoras.

## Principais tipos de atuação do piano no frevo

Após a escuta de inúmeras gravações de frevos tendo o piano como integrante da instrumentação, constatamos três tipos de atuação: piano base, piano como instrumento solista e piano solo.

*Piano base:* atua como instrumento acompanhador na seção de base do arranjo, podendo executar os acordes parados, ou seguindo padrão rítmico de frevo.

*Piano como instrumento solista:* neste tipo de atuação, o piano exerce o papel de solista, podendo ser acompanhado por banda, orquestra ou outras formações.

*Piano solo*: dentre os tipos de atuação do piano no frevo, essa certamente é a mais complexa. Os arranjos dessa modalidade são elaborados adaptando/sintetizando os elementos mais importantes do frevo às possibilidades técnicas do piano. Observa-se nos arranjos elaborados para piano solo ao menos três características:

- 1- Linha de baixo construída sobre a alternância da fundamental com a quinta do acorde, acentuando o segundo tempo na intenção de simular o surdo;
- 2- Melodia normalmente construída sob estrutura de perguntas e respostas;
- 3- Acompanhamento harmônico: formado pelas notas ou parte das notas dos acordes em conduções rítmicas que em alguns casos se assemelham aos acentos rítmicos emitidos pelo caixa (tarol).

### **Nelson Ferreira e o frevo *Na Hora h... piano***

Apontado pelos críticos como um dos mais importantes personagens do frevo pernambucano, o maestro, pianista e compositor Nelson Ferreira foi responsável por diversos marcos e inovações no frevo, dentre eles: o primeiro frevo canção gravado *Borboleta não é ave* (1922), o primeiro frevo de rua gravado *Não puxa Maroca* (1929) e *Evocação*, canção mais tocada no carnaval de Recife, Rio de Janeiro e São Paulo em 1956.

Nelson foi uma das pessoas mais influentes no meio artístico pernambucano por mais de meio século, tendo atuado em diversos cargos de liderança no cinema mudo, Rádio Clube e na gravadora Rozemblit. Sua autoridade frente ao mercado fonográfico é apontada por críticos como fundamental para a difusão do frevo pernambucano no século XX. O maestro Nelson Ferreira também foi apontado como defensor de um suposto “tradicionalismo” no frevo, tendo por vezes se manifestado contrariamente à invasão de estilos musicais que não tivessem ligações com as tradições do carnaval pernambucano e rechaçando a presença de instrumentos e elementos que não estivessem ligados diretamente à origem do gênero. Dentre as inúmeras inovações do maestro, uma se apresenta como sendo de maior relevância para este trabalho, o frevo de rua *Na hora h... piano*, frevo este que dedicaremos atenção nas próximas linhas.

*Na Hora h... piano* é uma das duas faixas pertencente ao disco em 78 rpm, intitulado: *Nelson Ferreira com a orquestra de frevos Mocambo*. O disco que foi lançado em 1962 pela gravadora Rozemblit pertence a famosa série 15.000 do selo Mocambo e apresenta pelo menos duas grandes inovações para a época: primeiro registro fonográfico de um frevo interpretado por solista (TELES, 2015, p. 114) e primeiro registro fonográfico de um piano como instrumento solista perante uma orquestra de frevo.

Apesar da relevância dessas inovações, esse frevo teria passado despercebido tanto pelo público quanto pelos críticos, e isso fica evidenciado pelo escasso material sobre tal composição. Em pesquisas realizadas em jornais da época, foram encontradas apenas duas pequenas notas, ambas no caderno social do Diário de Pernambuco, em 1961 (ano que antecede o lançamento do disco). Também nessas notas encontraremos algumas informações importantes para a compreensão do título e motivação para a composição.

A primeira nota, datada de 17 de agosto de 1961,<sup>3</sup> relata a homenagem do *Caxangá Ágape*<sup>4</sup> ao empresário José Rozemblit seguido pela fala do maestro Nelson Ferreira anunciando dois frevos-canção de sua autoria que já estariam prontos para serem gravados: *Na hora H... Agapeano...* (sic) e *O Homen da Bengala*. A nota prossegue informando que, em setembro, esses discos serão distribuídos aos “agapeanos”<sup>5</sup> como uma cortesia da Mocambo e informa também que o frevo será em solo de piano com acompanhamento de orquestra.

A segunda nota, datada de 31 de agosto do mesmo ano, sob o título: *Como sempre muito animada a reunião do Caxangá Ágape, homenagem e discos*, relata a entrega dos discos que haviam sido prometidos no encontro anterior.

Analisando a primeira nota (17 de agosto de 1961), identificamos uma pista para o sentido do título. Constatamos que o “h... piano” funcionava como um trocadilho criado por Nelson Ferreira para homenagear os agapeanos, informação depois confirmada com o Sr. Luiz Carlos Ferreira (filho de Nelson Ferreira) através de conversa telefônica em 12 de julho de 2021, “...agá piano é um trocadilho... ele gostava muito de fazer trocadilho...”<sup>6</sup>

Adentrando nas considerações obtidas a partir da escuta da música *Na hora h... Piano*,<sup>7</sup> gostaria de chamar atenção para a melodia da parte A, onde Nelson Ferreira inicia o solo do piano com um desenho melódico que é muito familiar a boa parte dos pianistas que tiveram alguma iniciação ao estudo formal do instrumento. Estou aqui me referindo ao famoso método *Hanon – O pianista virtuoso*, criado pelo músico e pedagogo francês Charles-Louis Hanon e publicado inicialmente em 1874.

---

<sup>3</sup> Pesquisa realizada na Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional.

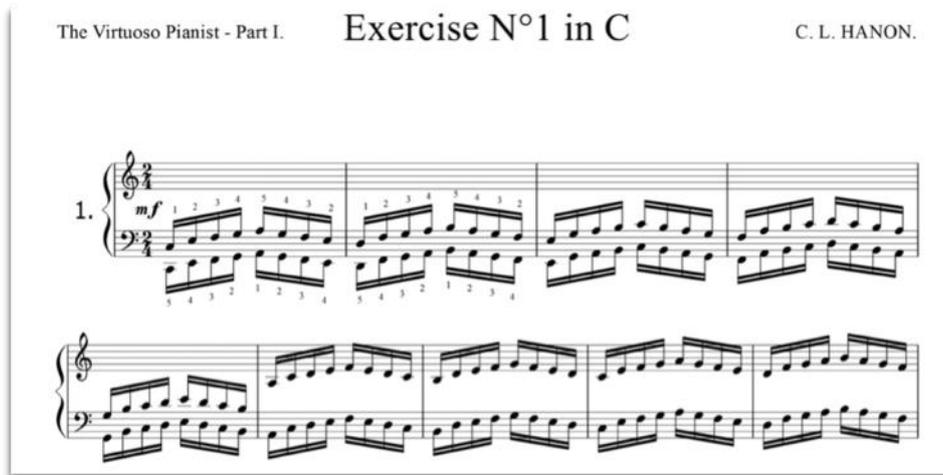
<sup>4</sup> Conforme informações postadas nas redes sociais da própria instituição, o Caxangá Ágape é a mais antiga confraria em atividade na América Latina, tendo sido fundada por Jack Ayres em 1945.

<sup>5</sup> Agapeano: nome dado aos integrantes da confraria Caxangá Ágape.

<sup>6</sup> Relato de Luiz Carlos Ferreira através de ligação telefônica em 12/07/2021 ao autor deste artigo.

<sup>7</sup> *Na hora H... Piano*: <https://www.youtube.com/watch?v=kO6CPylpHVg>

Figura 01 - Trecho do primeiro exercício do método Hanon, imagem extraída do site *hanononline.com*



Fonte: Site [www.hanononline.com](http://www.hanononline.com)

Observem que ele é executado sob modo maior, seguindo o mesmo padrão de movimentos intervalares: motivo ascendente: salto de terça + três notas (graus conjuntos) e motivo descendente: quatro notas (graus conjuntos).

O dedilhado é bastante simples para ambas as mãos, apesar da leve dificuldade que alunos iniciantes possam apresentar em coordenar movimentos paralelos.

Abaixo, segue um trecho da música que estamos analisando. É importante observar que o padrão melódico é exatamente igual ao exercício apresentado acima, porém composto sob a tonalidade de fá maior.

Figura 02 - Trecho do frevo de rua *Na hora h...piano*



Fonte: transcrição do autor

A qualidade do áudio é bem limitada nessa faixa, pois os graves não soam com definição, o que dificulta a compreensão das linhas melódicas da tuba (baixos). Outro detalhe interessante no arranjo é a não utilização das palhetas, que talvez tenha sido uma maneira prática encontrada por Nelson para evitar que o instrumento solista (piano) perdesse destaque em uma possível dobra com saxofones.

Essa obra apresenta a forma ternária ABA que é bastante recorrente nos frevos desta época. A parte A contém 16 compassos e a parte B foge ao convencional por conter 32 compassos. A harmonia apresenta cadências comuns a outros frevos da época, já na parte rítmica a presença de algumas sextinas quebrando as sequências de semicolcheias surpreendem o ouvinte e introduzem mais um grau de dificuldade na execução do pianista.

*Na hora h...piano* foi um marco na inserção do piano como instrumento solista no frevo e demonstra uma postura ousada de Nelson Ferreira. Imagino que a realização de tal feito não seria algo tão simples para uma pessoa sem a reputação de Nelson no mercado fonográfico. Além disso, as inovações nem sempre eram vistas com bons olhos por parte dos defensores do suposto frevo “tradicional”.

### O frevo para piano

Ao longo de toda a história da música ocidental podemos observar uma vasta utilização das manifestações populares como fonte de inspiração para composições de peças para concerto e, com o frevo, não foi diferente. O maestro e compositor carioca Cesar Guerra-Peixe que atuou como arranjador da Rádio Jornal em Recife em 1948 e 1950, possivelmente foi o primeiro a se inspirar no frevo para compor peças para piano solo, tendo composto ao menos três obras, sendo uma delas com caráter didático: *Frêvo*, 3º movimento da *Suíte infantil N.º 3*.

Figura 03 - *Frêvo*, *Suíte infantil n.º 3*



Fonte: Manuscrito do compositor 1968 (apud, Hartmann 2018, p. 19).

Em 1974, o compositor e pianista pernambucano Marlos Nobre lançou o *IV Ciclo Nordestino para piano* com a peça “Frevo” no 5º movimento, obra que voltou a ganhar destaque nos noticiários em 2007, quando Marlos Nobre se mostrou indignado com improvisos inseridos na sua peça em uma interpretação do pianista pernambucano Vitor Araújo. A indignação de Marlos Nobre então geraria diversas trocas de farpas entre o maestro e o pai de Vitor Araújo, através de publicações no Jornal do Comercio.

O *Frevo* do compositor e multi-instrumentista carioca Egberto Gismonti está entre os mais emblemáticos. A composição foi lançada inicialmente em 1978, no disco *Nó Caipira* em arranjo para piano, flauta, baixo e bateria e regravada em 1987 no LP *Alma* em versão para piano solo. Essa última, segundo Pinto (2009), apresentando elementos da música popular brasileira e estrangeira com elementos eruditos notadamente influenciados pelas obras de Bach e Chopin.

Disponibilizaremos, a seguir, uma tabela contendo todas as obras encontradas até o presente momento em que o piano se relaciona com frevo exercendo função de solista.

**Tabela 01 – Principais registros fonográficos com o piano como instrumento solista em frevos**

<b>Título da obra</b>	<b>Ano do lançamento</b>	<b>Álbum - Obra Intérprete</b>	<b>Compositor</b>	<b>Formação</b>
III – Allegro (Frevo)	1950	Suíte	Guerra-Peixe	Piano solo
Frevo	1953	ed. Savart	Claudio Santoro	Piano solo
Frevo	1954	Suíte nº 2 "Nordestina"	Guerra-Peixe	Piano solo
Na hora h... Piano	1962	Nelson Ferreira com a orquestra de frevos Mocambo	Nelson Ferreira	Piano e orquestra de frevo
Frevo	1968	Suíte infantil nº 3	Guerra-Peixe	Piano solo
Frevo Dedicado a Leonardo Dantas	1974	IV Ciclo Nordestino para piano	Marlos Nobre	Piano solo
Frevo	1979	ed. Savart	Claudio Santoro	2 pianos
Concertino para trompete (Finale)	1991	3º movimento / Concertino para trompete	Maestro Duda	Trompete e piano
Frevo nº 2 (Dedicado a Ariano Suassuna)	2007	10º Festival Internacional de Música VIRTUOSI	Marlos Nobre	Piano solo
Frevo da Oportunidade	2007	Solo / André Marques	André Marques	Piano solo
Fogão	2007	Frevo do Mundo / João Donato	Sérgio Lisboa	Piano e



				orquestra de frevo
Brilha o carnaval	2009	Miramari – André Mehmari e Gabriele Mirabassi	André Mehmari e Luiz Tatit	Piano e clarinete
Duda no frevo	2013	Pianismo / Hercules Gomes	Senival Bezerra do Nascimento (Senô)	Piano solo
Pia no Frevo	2013	Multifonias / PianOrquestra	(Parte A – Taiane de Dodo e Osmar e Moraes Moreira / Parte B e Intermezzo – Priscilla Azevedo / Parte C - Passo de Anjo de João Lyra e Maestro Spok)	10 mãos e um piano preparado
Frevando	2014	Todas as Cores / Duo Taufic	Eduardo Taufic	Piano e violão
Frevo Forte-Piano	2015	As Estações na Cantareira / André Mehmari	André Mehmari	Piano solo
Encruzilhada	2016	Sangue Negro / Amaro Freitas	Amaro Freitas	Jazz trio
Suite brasileira para Cello e Piano	2017	AM60AM40 / André Mehmari e Antônio Meneses	André Mehmari	Piano e violoncelo
Coentro no Feijão	2018	Alegria de Matuto	Salomão Soares e Hermeto Pascoal	Jazz trio
Paço	2018	Rasif	Amaro Freitas	Jazz trio
Frevelli	2019	Tem que ser azul / Trio Corrente	Fábio Torres	Jazz trio
Ninho de vespa	2019	Chão de Flutuar / Vanessa e Salomão Soares	Dori Caymmi	Voz e piano

Fonte: tabela elaborada pelo autor.

### **Compor, arranjar ou adaptar frevos para piano solo**

Como citamos no tópico anterior, o processo de criação desse tipo de arranjo é algo que merece atenção neste artigo, afinal, ainda não existe escola ou metodologia dedicada a esse tipo de trabalho e os materiais de pesquisa são escassos. Tivemos acesso a apenas duas transcrições desse tipo de arranjo e dedicaremos as próximas linhas a relatar algumas de nossas descobertas a partir das entrevistas com os arranjadores.





## ***Cambaleando***

Marcos Ferreira Diniz (Marquinhos Diniz) é um dos mais respeitados nomes das teclas no estado de Pernambuco, tendo atuado em shows e gravações com renomados artistas. Sua relevância no âmbito desta pesquisa se inicia com a interpretação do frevo *Cambaleando*, composição de sua autoria que ganhou o terceiro lugar no Concurso de Música Carnavalesca Pernambucana 2007/2008 e que, posteriormente, foi arranjada/adaptada pelo próprio autor para piano solo (2013).<sup>8</sup> Marquinhos nasceu em São Paulo, mas mudou-se com sua família para Pernambuco ainda na infância, e foi na cidade de Lajedo/PE que ele ouviu uma orquestra tocar frevo pela primeira vez.

O carnaval em Pernambuco todo é muito forte, aquele lance das orquestras... e isso me contagiou... e tocando com as orquestras aquelas melodias belíssimas eu vi a possibilidade de fazer no teclado também os solos, fazer saxofone, fazer a metaleira eu comecei a tocar frevo dessa forma e logo fui chamado para tocar em trio elétrico... (Marquinhos Diniz, entrevista, 04/02/2021).

Marquinhos afirma que o seu interesse pela música instrumental teria o aproximado ainda mais do frevo de rua, estilo esse que tem entre as suas principais características o andamento ligeiro e as notas sincopadas, tornando-o assim um estilo muito desafiador para qualquer músico.

Todo músico que está estudando, que está “secão” pra aprender, tá entusiasmado com esse processo, ele quer desafios e eu gostava muito dessa coisa da rapidez, tem uma coisa meio *bebop* e eu adorava isso, ter que estudar essa coisa que o sax faz (exemplo de frase de saxofone cantarolando)\* ... gostava disso aí... tudo isso me atraía... (Marquinhos Diniz, entrevista, 04/02/2021).

O desafio de criar um arranjo de frevo para piano solo era um projeto antigo e para encontrar as soluções técnicas necessárias, o instrumentista se inspirou em uma frase de Chick Corea<sup>9</sup> que afirma que o piano é um instrumento onde cada dedo/nota tocado pelo pianista pode representar um instrumento musical. De posse de tal informação, Marquinhos teria mapeado os elementos da orquestra de frevo adaptando-os para o seu arranjo.

<sup>8</sup> *Cambaleando* disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ws85Fkh3Fe8>

<sup>9</sup> Chick Corea (1941-2021) Um dos mais versáteis instrumentistas e compositores do jazz... em <https://educacao.uol.com.br/biografias/chick-corea.htm?cmpid=copiaecola>



Figura 04 - Trecho de *Cambaleando* em arranjo para piano solo



**Cambaleando** Marcos Diniz

Piano solo

Piano

*mp* *f*

Fonte: transcrição do compositor

Questionado sobre as principais influências pianísticas nas suas composições/adaptações de frevo para piano, Marquinhos responde:

...eu penso em estudar as possibilidades do instrumento, o que o instrumento proporciona, o que é possível se fazer. A minha busca é bastante técnica, pra que eu possa explorar essas possibilidades, por exemplo: quando a gente ouve Liszt<sup>10</sup> parece que tem quatro mãos, como é que a pessoa faz isso? No disco de Cesar Camargo Mariano<sup>11</sup> “*Solo Brasileiro*” (1994) também é incrível, porque ele consegue fazer essas coisas dos arranjos e parece realmente ter quatro mãos tocando. Como não tinha visto isso ainda no frevo, eu fui nessas outras fontes. Como é que a gente pode dividir a mão dessa forma? O César foi uma grande inspiração pra todos nós, de como você pode fazer melodia, contraponto, baixo, bateria, fazer ali o tamborim... O frevo exige isso, que você faça o tarol, o surdo e não fique nenhum buraco e é possível você fazer isso nesse instrumento. (Marquinhos Diniz, entrevista, 04/02/2021).

### ***Duda no Frevo***

O frevo de rua *Duda no frevo* é o quarto movimento da *Suíte Nordestina* de autoria do músico pernambucano Senival Bezerra do Nascimento o Senô, composta e dedicada ao Maestro Duda. Foi gravada por inúmeras orquestras e artistas, entre eles: Quinteto Violado,

<sup>10</sup> Franz Liszt (1811-1886) foi um músico húngaro. Considerado o maior pianista de sua época, aliou uma sólida cultura musical e um gosto requintado e tornou-se um grande compositor orquestral.

[https://www.ebiografia.com/franz\\_liszt/](https://www.ebiografia.com/franz_liszt/)

<sup>11</sup> Cesar Camargo Mariano (1943) pianista, arranjador e produtor musical brasileiro

Altamiro Carrilho, Orquestra Tabajara, Orquestra do Maestro Duda e Hercules Gomes, versão essa que abordaremos nas próximas linhas.

Retomando à indagação presente na introdução acerca do vídeo que havia viralizado em 2013, trazemos as seguintes respostas: a atuação é do capixaba Hercules Gomes. Hercules iniciou seus estudos como autodidata aos treze anos, atuou em bandas na sua cidade (Vitória), foi aluno do Conservatório de Vila Velha, Conservatório estadual do Espírito Santo e, posteriormente, ingressou no curso de música popular da UNICAMP tendo estudado piano popular com os professores Hilton Jorge Valente (Gogô) e Paulo Braga e piano erudito com o professor Silvio Baroni. Seu trabalho, predominantemente voltado para a música brasileira, vem abrindo portas para shows e festivais de música no Brasil e no exterior.

Em entrevista para este artigo, Hercules afirma que começou a tocar frevo no período que estudava na Unicamp, integrava os grupos *Pano pra manga* e *Amanajé*, esse último, segundo ele, com fortes influências da *música universal*<sup>12</sup> de Hermeto Pascoal. Segundo o pianista, os frevos eram compostos para aquelas formações, buscando fundir características do ritmo (frevo) com elementos propícios à improvisação. Seu contato com o frevo pernambucano se deu no recital do saxofonista Raphael Ferreira (por volta de 2006). No repertório deste recital estariam os clássicos *Vassourinhas* (Joana Batista Ramos e Mathias da Rocha), *Nino o Pernambuquinho* (Duda) e *Duda no frevo* (Senô). Sobre esse recital, Hercules comenta:

...era bem nessa linguagem do Hermeto, até essas levadas de bateria parecidas com o grupo do Hermeto, do Clebão<sup>13</sup> do grupo *Curupira*, era bem nessa praia, não era um frevo mais aberto de orquestra não, e com muita improvisação, sempre nesse conceito de tema e improviso... E aí foi o primeiro contato com frevo e eu lembro que tirei esses temas, lembro que tirei o *Nino o Pernambuquinho*, e eu gostei muito, eu me identificava muito com aquilo... (Hercules Gomes, entrevista 11/02/2022).

Segundo Hercules, o arranjo de *Duda no Frevo* teria sido elaborado para concorrer ao 11º Prêmio Nabor Pires de Camargo (2012), que teve sua estreia adiada pela dificuldade da peça e do tempo insuficiente para amadurecimento da interpretação. Seu lançamento, então, ocorreu apenas em 2013, no CD *Pianíssimo*.

Quando questionado sobre moldes e influências para elaboração desse arranjo, Hercules relata não ter vindo de nenhum arranjo de frevo em piano solo e sim da sonoridade

<sup>12</sup> Música universal: multiplicidade de ritmos, harmonias e melodias, a mistura que gera uma música atemporal e que não se prende a fronteiras. <http://www.aescotilha.com.br/musica/caixa-acustica/critica-no-mundo-dos-sons-hermeto-pascoal/>

<sup>13</sup> Cleber Almeida: baterista do Trio Curupira.

das orquestras de frevo. Segundo ele, a escuta e a análise das grades das orquestras de frevo foram determinantes para o que ele estava disposto a fazer. Hercules define como “transcrição” esse trabalho de adaptação das vozes da orquestra para o piano, baseando-se nas transcrições de Vladimir Horowitz<sup>14</sup> e ressalta que esse trabalho se diferencia de uma “redução”, já que o objetivo é extrair o máximo de conteúdos da peça original.

...me baseio nas orquestras de frevo, a sonoridade que eu gosto é essa! Grande! E no piano solo a gente tem essa possibilidade. O piano é um instrumento que tem a tessitura de todos os outros, isso é legal e eu gosto de explorar isso, entendeu? E se você tem um certo conhecimento técnico, se você passa pela música romântica, Liszt por exemplo você pode trazer certos recursos que dá pra trazer para a nossa contemporaneidade aqui e pegar um arranjo do Maestro Duda ou do Spok e fazer no piano, cara... Liszt seria um grande tocador de frevo! (Hercules Gomes, entrevista 11/02/2022).

Sobre o arranjo, Hercules complementa que a parte que parece ser improvisada no meio da música, na verdade foi previamente elaborada. Foram utilizadas como influências as variações de *Vassourinhas* na gravação do Maestro Duda, algumas coisas de Hermeto ensinadas por André Marques, além de saltos e notas repetidas, recursos muito utilizados por Liszt em *La Campanella*.

**Figura 05 - Trecho do arranjo de Duda no Frevo inspirado em *La Campanella* de Liszt.**

8

Duda no Frevo



Fonte: Site oficial do pianista Hercules Gomes - [www.herculesgomes.com.br](http://www.herculesgomes.com.br)

Tomando como base os depoimentos e análises musicais das peças acima citadas, podemos afirmar que a elaboração dos arranjos para piano de Marquinho Diniz e Hercules Gomes não partem de modelos preexistentes, ambos se inspiram nas próprias experiências vividas no frevo, trazendo para o arranjo elementos da identidade coletiva de um grupo,

<sup>14</sup> Vladimir Samoylovych Horowitz, pianista russo-americano famoso por realizar excelentes transcrições de peças sinfônicas para o piano.

fenômeno apontado por Connerton como “Atos de transferência” (CONNERTON, 1989, p. 38, *apud* TAYLOR, 2008, p. 93).

### **Considerações finais**

Os caminhos percorridos para a realização deste artigo abrem uma porta para a reflexão sobre a presença do frevo no mercado fonográfico de música instrumental, e com isso pudemos observar que o frevo continua sendo inserido em um número significativo de trabalhos no Brasil.

Apesar de encontrarmos algumas poucas partituras de frevo para piano (todas bastante complexas do ponto de vista técnico), constatamos uma completa escassez de material didático voltado para o estudo e a sistematização do frevo para o piano, sendo esse mais um complicador na formação de jovens pianistas tocadores de frevo. Observamos que os caminhos trilhados por pianistas em busca da iniciação aos estudos do frevo normalmente acontecem através da escuta e das análises de obras compostas para orquestras de frevo ou através do frevo tocado por bandas (aos moldes dos trabalhos de artistas como Hermeto Pascoal e André Marques). Por fim, ressaltamos a importância da ampliação dos estudos no campo da música popular instrumental brasileira com ênfase no frevo e esperamos que esse artigo possa ser útil para futuros estudos.

### **Referências**

HARTMANN, Ernesto. *O piano didático de Guerra-Peixe: levantamento da produção de 1968 a 1981 e análise de características estilísticas, técnicas e musicais da Suíte Infantil n. 3 e das Miniaturas I a VI*. Modus: Revista da Escola de Música da UEMG. Minas Gerais, 2018.

PINTO, Marcelo Gama e Mello de Magalhães. *Frevo para piano de Egberto Gismonti: uma análise de procedimentos populares e eruditos na composição e performance*. Belo Horizonte: UFMG, 2009. Dissertação de mestrado em música.

SALDANHA, Leonardo Vilaça. *Frevo no Recife: A Música Popular Urbana do Recife e sua consolidação através do Rádio*. Campinas, SP: [s.n.], 2008.

SANTOS, Climério de Oliveira; MENDES, Marcos Ferreira. *Frevo: transformações ao longo do passo* (coleção Batuque Book): 1. Ed. Recife, PE: Cepe, 2019.

SILVA, Leonardo Dantas. *Carnaval do Recife*. 2ª Ed. Recife: Cepe, 2019.

TAYLOR, Diana. *Performance e patrimônio cultural intangível*. Pós: Revista do Programa de pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. Belo Horizonte, v.1, n.1, mai. 2008. p. 91-103.

TELES, José. *O frevo gravado: de Borboleta não é ave a Passo de Anjo*. Recife: Bagaço, 2015. 291p.



**ANPPOM**  
Associação Nacional de Pesquisa e  
Pós-Graduação em Música

**XXXII CONGRESSO  
DA ANPPOM**  
Natal, 17 a 21 de outubro de 2022



**ANPPOM**  
Associação Nacional de Pesquisa e  
Pós-Graduação em Música



**Escola de Música  
da UFRN**